



SEÇÃO TEMÁTICA

Migração e arquitetura dos espaços sagrados:  
religião e arquitetura na “catedral” do migrante  
nordestino em São Paulo, a experiência da  
migração e a reconstrução do sentido no CTN

*Migration and architecture of sacred  
spaces: religion and architecture in the  
“cathedral” of the northeastern migrant in  
São Paulo, the migration experience and the  
reconstruction of the significance at CTN.*

*Eulálio Figueira\**  
*Rafael da Gama\*\**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo fazer um estudo da arquitetura que pode ser observada na capela Imaculada Conceição, erigida em memória de Frei Damiano e Padre Cícero, pelos seus devotos nordestinos, e que compõe o espaço socioarquitetônico do Centro de Tradições Nordestinas (CTN) no bairro do Limão, em São Paulo. Com o estudo sobre aquele lugar, compreender não apenas a função social da religião, mas também como a religião se oferece ao migrante e aquele que o recebe, enquanto fonte de aproximação e enquanto meio para preservação de lembranças e, deste modo, sustentar identidades que se constituem neste novo ambiente, onde a arquitetura desempenha papel de realce. Procuraremos entender como o espaço religioso eleito pelo migrante nordestino ganha uma estrutura arquitetônica diferenciada, em que são eleitos elementos simbólicos próprios para representarem a religiosidade do migrante.

**Palavras-chave:** Espaço sagrado. Migração. Arquitetura. Memória religiosa.

**Abstract:** This article's purpose is to make a study of the architecture that can be observed in Imaculada Conceição's chapel built in Frei Damiano and Padre Cícero's memory by their northeastern devotees, which composes the social-architectural space of the Centro de Tradições Nordestinas (CTN), located in the Limão district in São Paulo. With the study of that place, to understand not only the religion's social function but also how the religion offers itself to migrant and to those who welcome them as a source of approach and as a way to preserve memories and, in this way, to sustain identities that are constituted in these new surroundings, where the architecture has a highlighted role. We will pursue the understanding of how the religious space, elected by the northeastern migrant, gains a differentiated architectonic structure, where are elected its symbolic elements to represent the migrant's religiousness.

**Keywords:** Sacred space. Migration. Architecture. Religious memory.

---

\* Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP). Professor do Departamento de Ciência da Religião e Coordenador da Especialização em Ciência da Religião da PUC-SP. Contato: [efigueira@pucsp.br](mailto:efigueira@pucsp.br).

\*\* Doutor em História (PUC-SP). Contato: [RafGamaflacao@hotmail.com](mailto:RafGamaflacao@hotmail.com).

## Introdução

Procurar observar e compreender o que o migrante carrega no seu percurso de saída do lugar de origem até o lugar de chegada oferece a quem pretende entender não apenas os processos nos quais os movimentos migratórios se processam, mas também se constitui em determinante para compreender a própria personagem migrante e toda a saga que constitui e define sua tipologia.

Nosso objetivo maior está na tentativa de apresentar a função pragmática da religião, traduzida nos espaços que os indivíduos religiosos elegem como lugares de manifestação de suas crenças e também como lugares que servem para a preservação de suas lembranças. Esses lugares também funcionam como uma força pedagógica para transmitir às futuras gerações suas identidades. Nesses espaços se guarda as lembranças que marcaram a saga dos precursores do movimento migratório, o lugar de origem e tudo o que ele representa na história destes indivíduos e grupos.

Partimos do que já foi teorizado sobre os conteúdos que servem de referências teóricas a fim de analisar, pelos registros dos migrantes – manifestados na arquitetura por eles motivada – o que, no seu trajeto migratório, foi se constituindo como novo cenário, e como este cenário não implica mudanças e articulações apenas na figura do próprio migrante. Tudo que está presente nessa trajetória interfere e influencia aqueles que os recebem no seu território.

Nesse percurso da migração, os sentidos de esperança, apreensão, otimismo e pessimismo, aventura e temor, se misturam e entrelaçam com os mesmos sentidos de expulsão e acolhida. Na “bagagem” do migrante viajam junto os elementos que lhe serão necessários para construção do novo cenário. Certamente o migrante precisa desenhar, projetar e consolidar não apenas um novo lugar, mas uma nova realidade, um novo espaço. O migrante carrega, na sua “trouxa” de viagem, desejos, sonhos e, de certa forma, expectativas do que irá encontrar; por certo, será a recompensa dos “espinhos” do caminho.

Procuramos observar acontecimentos que envolvam direta ou indiretamente a dimensão religiosa no universo das migrações. Acontecimentos que, de alguma forma, expressam uma conexão com o religioso e, por isso, desencadeiam o debate público sobre a questão religiosa, o multiculturalismo, a integração dos migrantes. Assuntos sempre presentes no debate sobre migração.

## A migração e a diversidade

Ressaltamos o fato de que a migração traz no seu tecido a inevitável diversidade tanto cultural como religiosa e, em razão disto, se instala certa ameaça para a identidade nacional. Por isso, a importância de se encaminhar elementos para uma reflexão que auxilie na percepção do papel e da potencialidade que o religioso tem, seja na integração dos migrantes na sociedade de acolhimento, seja na função de coesão social entre os diversos grupos (Prencipe in Ciberteologia)<sup>1</sup>.

---

1 <https://ciberteologia.com.br/editorial/migracoes-e-teologia>

A chegada dos migrantes no novo lugar produz não só alterações no espaço público, mas também mudanças e alterações de toda a ordem e dimensão – algumas serão aceitas, absorvidas, e outras serão negadas. Por isso, deve-se observar como ela vai produzir impactos na configuração simbólica da sociedade que os recebe.

Diz Marinucci: “As manchetes de revistas e jornais têm relatado numerosos acontecimentos envolvendo, direta ou indiretamente, a dimensão religiosa e o universo das migrações; acontecimentos que alimentaram e alimentam o debate público sobre a questão religiosa, o multiculturalismo, a integração dos migrantes, a laicidade do Estado, o fundamentalismo religioso” (Marinucci, ANPOCS GT 22, p. 02)<sup>2</sup>.

O processo migratório nos desafia a observá-lo muito além do olhar sobre seus impactos territoriais. Esse processo nos desafia a analisar e descobrir como, nesses impactos que se dão no território de migração, ocorre a presença de outra realidade, que muitas vezes não é levada em análise, ou seja, a dimensão religiosa.

Esse impacto observado pelo olhar do religioso permite compreender que, no processo migratório, não se deve olhar com referências alarmistas, como ocorre na maior parte do tempo. Com frequência avalia-se que a religião trazida pelo migrante coloca em risco crenças e práticas da sociedade que o recebe – muitas vezes, dita “mais moderna” que a do migrante.

A religiosidade do migrante, efetivamente, envolve toda sua vida, o que, muitas vezes, se mistura com as questões contingenciais e que, por assim ser, pode produzir conflitos com outras crenças já estabelecidas no lugar onde ele está chegando. Mas isso pode ser observado como um propositivo positivo se, em decorrência desse fato, desencadear-se uma sociedade que se apresente como abertura para a diversidade religiosa e a liberdade de cultos que a relação migração, arquitetura e religião irá exigir no diálogo e no entendimento entre as culturas e os povos.

A relação migração-religião pode ser a forma de entendimento da função de coesão social que será exigida na migração e, por consequência, a necessária integração migrante e a comunidade receptora, da perspectiva da arquitetura do lugar.

O que ocorre dentro do movimento, ou movimentos de migração, observado pela relação que se faz entre migrações e a dimensão religiosa, oferece valiosos elementos para a compreensão do que acontece no cenário do mundo moderno, contribuindo com as análises sobre as complexas irrupções das questões religiosas presentes nos debates sociopolíticos, nacionais e internacionais do momento presente<sup>3</sup>.

Estamos assumindo como linha condutora para nossa abordagem o fato de que a religião constitui, nesse cenário da migração, mais do que o sistema de crenças e práticas, como E. Durkheim a classificou. Entendemos melhor a qualificação feita por Bourdieu

---

2 <https://anpocs.com/index.php/papers-36-encontro/gt-2/gt22-2/8100-as-migracoes-dos-fieis-e-a-mobilidade-das-religoes-um-estudo-sobre-migracoes-internacionais-e-tradicoes-religiosas/file>

3 A título de exemplo, sinalizamos, do ponto de vista internacional, o processo de migração para a Europa, em que se observa um aumento importante da presença islâmica. Muito provavelmente nesse fenômeno reside a resistência local em acolher o outro, que traz consigo outra religião, outros valores que não são somente aspectos folclóricos, mas constituintes inamovíveis de sua vida que, muito provavelmente, põem em debate a própria identidade europeia constituída como cristandade.

ao apresentar a religião como elemento que cumpre sua função social, pelo fato de que “os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes” (Bourdieu, 2007, p. 48).

As religiões e as religiosidades dos migrantes, porque incidem nas dinâmicas migratórias, constituem material importante para compreender não apenas os laços de coesão entre os migrantes, mas servem de meio para o entendimento entre os migrantes e a sociedade que os recebe. As religiões são, então, o tabuleiro em que, no dizer de Wittgenstein, os *jogos de linguagem* superam o risco do essencialismo, mantendo viva a identidade dos grupos sociais de diversas origens.

As religiões são importantes para a compreensão de que no movimento de migração não estão presentes somente questões de ordem econômica ou contingencial. Elas são indicativas das transformações que o processo migratório produz nas sociedades humanas. Tal como elas são influenciadas pelo contexto sociocultural no qual atuam, sofrem um duplo fenômeno - o de também influenciarem este mesmo contexto. Mas isso não se dá apenas com a religião; o mesmo ocorre com todas as dimensões das sociedades humanas.

Para Libânio, o fato religioso é uma variável relativamente independente, sendo que, de acordo com as situações, pode ser causa ou reflexo, locomotiva ou vagão (Libânio, 2002, p. 112). As migrações interferem e modificam o universo religioso, tanto individual, quanto sistêmico.

## A migração e a religiosidade

Verificamos a dificuldade, senão por vezes a impossibilidade, de se compreender adequadamente determinadas dinâmicas sociais quando não são observadas as questões religiosas presentes nestas dinâmicas.

Estudos sobre a dinâmica da migração colocam, nos cenários de nosso tempo, além de questões políticas e econômicas, a questão da mobilidade humana<sup>4</sup>. Em razão disso, entendemos necessário buscar nexos entre religiões e mobilidade humana, chave para a compreensão da influência/interferência das religiões nos processos migratórios, compreender como os deslocamentos de pessoas incidem na religiosidade, tanto dos migrantes quanto dos que os acolhem, assim como na estruturação das instituições religiosas.

Ligado ao evento migração transcorre ainda, como algo que não pode ser desconectado, um esforço de integração que fará desta migração uma migração religiosa que irá

---

<sup>4</sup> Adotamos o termo “mobilidade humana” como conceito para além do uso habitual de mobilidade urbana. Referimo-nos, aqui, ao fato de que uma cidade é feita por pessoas e para pessoas e, por isto, ela não somente deve ser preparada pensando que pessoas devam ter acesso fácil para chegar onde quiserem. As cidades devem facilitar o acesso à informação e ao conhecimento para todos e onde todos se sintam acolhidos num lugar que seja seu, a sua casa.

corresponder à mobilidade das religiões e não somente de pessoas. As religiões próprias destes fiéis migrantes são chamadas a alargar suas fronteiras simbólicas para responder aos novos desafios do contexto de inserção onde este migrante está chegando.

A análise e a verificação dos sistemas religiosos, tal como da religiosidade individual dos migrantes vividas e expressadas enquanto capital simbólico, apresenta-se como instrumento fundamental para se compreender as ações empreendidas pelos migrantes para sua fixação no novo lugar. Trata-se, então, de preservar suas referências, seus valores, mas é necessário produzir uma ligação com o que ele encontra neste novo território.

Na experiência existencial do migrante, a religião se oferece como ponte entre o passado que deixou para trás e o novo com o qual se depara no lugar de chegada. Mas, nesse cenário, a religião não é apenas essa ponte para o migrante, ela também está presente na sociedade que o recebe. A religião tem de ser percebida por sua função social, econômica, política e em tudo o que a ela está referido, em razão do papel determinante que desempenha no movimento de migração.

Para Bourdieu, a religião:

[...] exerce um efeito de consagração sob duas modalidades: 1- através de suas sanções santificantes converte em limites legais os limites e as barreiras econômicas e políticas efetivas e, em particular, contribui para a manipulação simbólica das aspirações que tende a assegurar o ajuntamento das esperanças vividas às oportunidades objetivas. 2- inculca um sistema de prática e de representações consagradas cuja estrutura (estruturada) reproduz sob uma forma transfigurada, e portanto, irreconhecível, a estrutura das relações econômicas e sociais vigentes em uma determinada formação social e que só consegue produzir a objetividade que produz (enquanto estrutura estruturante) ao produzir o desconhecimento dos limites do conhecimento que torna possível, e ao contribuir para o reforço simbólico de suas sanções aos limites e às barreiras lógicas e gnoseológicas impostas por um tipo determinado de condições materiais de existência (efeito de conhecimento desconhecimento) (Bourdieu, 2007, p. 46).

## **Dimensão religiosa geradora de sentido**

Se a migração pode produzir desagregação e ou perda de referenciais, as religiões oferecem ferramentas para que o migrante dê sentido aos desafios existenciais com que se depara no evento migratório. Como avalia Marinucci (Marinucci, ANPOCS, GT 22, p. 06), o migrante deseja legitimar suas sofridas escolhas e compreender os acontecimentos biográficos que parecem contradizer suas expectativas.

Para Marinucci, no seguimento do pensamento de Hans Kung, o fato religioso pode ser interpretado como um sistema de coordenadas justificado de maneira transcendental e atuante de forma imanente em relação ao que o homem se orienta intelectual, emocional e existencialmente (Marinucci, ANPOCS, GT 22, p. 06). Identifica que a dimensão religiosa ocupa função valiosa na migração: ela vem a ser a capacidade de oferecer ferramentas para dar sentido existencial ao migrante diante dos riscos e perigos da perda do sentido.

A religião como fonte de sentido atua como mediação capaz de delimitar as fronteiras da visão de mundo do migrante diante da necessidade que ele tem de ordenar as possíveis interpretações dos misteriosos acontecimentos biográficos; mistério que se vê relacionado ao excesso de sentido produzido pelo contexto socio-religioso e referência.

Podemos perceber a religião como fonte de sentido, pois a religião pode funcionar como recurso simbólico que oferece sentido diante da culpa do abandono da família ou até da própria identidade, inserindo as escolhas e as experiências biográficas no interior do plano divino.

Essa oferta e empréstimo de sentido funcionam diante do fato de que o migrante necessita interpretar as decepções e frustrações que frequentemente acompanham os deslocamentos, principalmente quando se torna evidente o “*gap*” entre as idílicas expectativas e a sofrida realidade (Marinucci, ANPOCS, GT 22, p. 07).

A dimensão religiosa constitui-se precioso meio de reinterpretação da realidade na tentativa por conciliar presente e passado, num complexo e sofrido processo de negociação identitária. Trata-se da necessidade que o migrante tem de reinterpretar suas visões do mundo e suas opções fundamentais, pois o seu passado ficou distante e o futuro é desconhecido (Marinucci, ANPOCS, GT 22, p. 08).

Assim, a religião constitui-se numa mediação simbólica, “*signica*” para o encontro. A racionalidade religiosa, longe de criar barreiras, pode promover o diálogo e o encontro com a alteridade, assim como maior coesão social.

Para conferir sentido às novas experiências, a religião da terra de origem, como diz E. Pace, precisa alargar suas fronteiras simbólicas, de forma a integrar em seu interior novos aspectos e também novos valores, próprios do ambiente externo e que possam ser conciliados com as orientações básicas dos fundadores e dos textos sagrados. Significa que a migração dos afiliados deve corresponder à mobilidade das religiões (Marinucci, ANPOCS, GT 22, p. 09).

Na relação da religião com o fato da migração, as religiões se constituem, antes de tudo, como fontes de capital simbólico. Assim sendo, o primeiro serviço que elas oferecem – antes da assistência social, de espaços de familiaridade ou de continuidade étnica – é o de dar sentido às novas experiências vividas pelos migrantes em seu lugar de chegada.

## Mudança intercultural e a produção de identidade

A religião tem o potencial de transcender as fronteiras tanto espaciais, quanto temporais; cria o imaginário de seus membros num espaço que agora é demarcado não mais por fronteiras nacionais ou regionais, mas por espaços sagrados como santuários, centros, terreiros e outros espaços reconhecidos por tais afiliados. Simultaneamente, também as fronteiras do tempo serão ultrapassadas, uma vez que esta dinâmica permite que os crentes, seguidores desses rituais, sintam-se parte de uma cadeia de memória, que se conecta com o passado, com o presente e com o futuro<sup>5</sup> (Marinucci, ANPOCS, GT 22, p. 11).

Segundo Marinucci, a religião está presente nas comunidades étnicas religiosas que constituem espaços familiares que geram uma unidade simbólica transnacional,

---

5 Uma questão que deve ser lembrada, mas que, por razão de tempo/espaço não referimos neste artigo, é o fato de a religião ser vista como possibilidade de transcender tanto as fronteiras espaciais quanto as temporais e de não poder ser considerada se não for considerada a questão do mito presente na religião, pois ele atravessa o tempo e o espaço. Para aprofundamento nesse assunto, recomendamos autores como E. Cassirer e José Severino Croatto.

porque através da religião acontece o milagre do tempo e do espaço. Algo como dizer que mudamos de lugar, mas onde estamos é possível criar e viver tudo aquilo que estaria distante, ausente.

O milagre, o maravilhoso, está no fato de que no mesmo dia, em diversas partes do mundo, são realizados os mesmos rituais, e nestes se opera a mágica como que em um evento em que as prováveis diferenças entre os grupos sociais, as distâncias entre quem é do lugar e quem vem de fora, o longe e o perto não são sequer pensadas, pois todos se percebem representados no evento.

Se as tradições religiosas, por um lado, favorecem a etnicidade do migrante, por outro também a deterioram, uma vez que, de um lado, reproduzem atividades em continuidade com as culturas e as práticas religiosas da terra de origem, do outro fazem o papel de iniciadoras dos migrantes recém-chegados nos elementos próprios da cultura do lugar que os acolhe, o que, muitas vezes, pode ser a causa de um forte descontínuismo das tradições e lembranças de origem.

Há que se salientar que, em contextos hostis, a religião pode exercer papel importante na vida dos migrantes e promover o encontro com o outro, desde que ela saiba alargar suas fronteiras simbólicas para incluir em seu interior aspectos da realidade que são considerados conciliáveis com sua identidade, produzindo, eventualmente, maior diversificação interna (Marinucci ANPOCS, GT 22, p. 15).

A religião, tal como diz M. Meslin, se apresenta como uma forma de justificativa do mundo e também como modelo do mundo diante da injustiça, do sofrimento e da ignorância (Meslin, 1992, p. 21). Assim se abre para o humano como possibilidade de não ficar retido nos domínios da contingencialidade de sua vida.

O Migrante, mais do que ocupar espaços sagrados, constrói Lugares Sagrados. Onde as espacialidades das expressões religiosas o acompanham com sua “trouxa” herdada em sua vivência histórica. Aqui, o Sagrado apresenta-se (irrompe) na sua dinâmica mais imediata, o cotidiano desse personagem, que carrega o peso de sua “trouxa” histórica, mas que perambula no espaço desconhecido e estranho do novo território.

Observar a saga do Migrante articulada com um esquema estruturante a partir das referências da tradição e experiência religiosa, é uma maneira para se compreender as formas do conhecimento do homem religioso. O espaço sagrado, desse modo, é tanto um espaço estruturante quanto uma estrutura que é estruturada na esfera exclusivamente religiosa.

Nessa trajetória da migração, os espaços assumidos como lugares sagrados e que interferem na vida dos migrantes e da comunidade servem de localização da transcendência, o que implica o entendimento das consequências que as atividades religiosas produzem na configuração da vida na terra. Isto expresso na arquitetura dos Templos, Catedrais, Sinagogas, Kaaba, Terreiros, Capela, e outros lugares.

### **Arquitetura e o dinamismo religioso da migração**

No cotidiano da experiência religiosa surge a arquitetura religiosa, como meio para conferir a ordem e a beleza do espaço. Ela é animada pela perspectiva da representação do divino no espaço e até na forma de ocupá-lo ou usá-lo, o que inspira as liturgias.

Na arquitetura, o termo sagrado, muitas vezes, está associado a termos como silêncio, isolamento, contemplação ou meditação. A contemplação e a meditação são pressupostos dos lugares de culto das religiões tradicionais: são a comunidade, a assembleia litúrgica, o estar junto que justifica a arquitetura, e não uma concepção individualista da relação com a divindade. A igreja (arquitetura) é um espaço público, uma transição entre o profano e o sagrado no mundo criado pelo homem.

A articulação religioso-arquitetura observada no processo da migração, de saída e chegada nos espaços e territórios, na mobilidade humana, apresenta-se como importante recurso simbólico de integração dos migrantes com a sociedade que os recebe e desta para com eles, a que necessariamente precisam se integrar.

Podemos falar não somente de uma integração casual entre religião, migração e arquitetura. Esses três produtos, fonte e ao mesmo tempo resultado da interação do ser humano com seu modo de produzir um mundo próprio, todo seu, apresentam-se como reais meios de sua inserção no mundo, e por eles, o ser humano não só ordena o que o rodeia, mas justifica sua existência conferindo às suas relações um propósito que precisa ser compreendido nesse jogo relacional.

Religião e arquitetura, podemos perceber pela ideia de Bourdieu, não são coisas estranhas entre si, mas se completam na sua função legitimadora.

Tendo em vista que o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades materiais ou simbólicas associadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social, dependendo portanto diretamente desta posição, a mensagem religiosa mais capaz de satisfazer o interesse religioso de um grupo determinado de leigos, e de exercer sobre ele o efeito propriamente simbólico de mobilização que resulta do poder de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, é aquela que lhe fornece um (quase) sistema de justificação das propriedades que estão objetivamente associadas ao grupo na medida em que ele ocupa uma determinada posição na estrutura social (Bourdieu, 2007, p. 51).

A arquitetura, assim o entendemos, vem a ser uma mediação crucial para se compreender esse processo do(s) sistema(s) religioso(s) na articulação dos grupos migrantes com a sociedade que os acolhe.

Passamos a analisar o Centro de Tradições Nordestinas (CTN) como meio de demonstração do que tematizamos até aqui. Procuramos oferecer neste artigo a visibilidade prática desta relação rica entre a Religião, a Migração e a Arquitetura.

O Centro de Tradições Nordestinas foi fundado em 1991 pelo empresário, radio-difusor e deputado federal José de Abreu. José de Abreu percebeu na capital paulista o preconceito e ignorância com relação aos migrantes nordestinos e resolveu criar um espaço de convivência para estes, onde fossem comercializadas comidas típicas e se apresentassem artistas que fizessem shows com sons tradicionais do Nordeste.

O espaço foi ganhando notoriedade, vindo a ser reconhecido como um ponto de encontro de nordestinos que habitavam a cidade. Com o passar dos anos, o centro de tradições foi aprimorando a sua estrutura e, hoje, há naquele espaço uma grande praça de alimentação e um amplo espaço para shows. Além disso, o centro se tornou um

atrativo na cidade para que paulistanos e turistas também desfrutassem dos serviços e atividades que oferece<sup>6</sup>.

A capela de Nossa Senhora da Conceição constitui um dos significativos componentes do CTN, que recebeu a visita de Frei Damião. Um ano após sua visita, a igreja foi inaugurada nesse espaço com o objetivo de fazer uma homenagem ao Frei e “oferecer ao nordestino um espaço dedicado à sua devoção e fé”. A secretaria da capela também retrata a capela como um “Símbolo da fé nordestina na cidade de São Paulo”<sup>7</sup>.

No Centro de Tradições Nordestinas, o templo religioso católico é reconhecido como um espaço que agrega a tradição, como um elemento a mais para a memória coletiva dos migrantes nordestinos que frequentam esse espaço. No Brasil, o Nordeste e o Sul correspondem às regiões onde mais há católicos no país. O catolicismo é religião majoritária entre os nordestinos, o que justifica escolher como um elemento de composição para um espaço que procura se constituir como um ponto de encontro para migrantes dessa região.

Ao analisar o histórico do centro e o espaço religioso ali constituído, acreditamos ser importante refletir sobre sua arquitetura. Mostrar como a capela é estruturada, quais elementos simbólicos foram eleitos na constituição do templo e qual a mensagem que a Igreja procura passar aos seus fiéis em um espaço que tem como característica a atração do público nordestino.

Ao penetrar no espaço religioso, vemos que, além dos ícones clássicos de um templo católico, como imagens de santos, cruzes, imagens da virgem Maria ou Jesus Cristo, há ícones expressivos de Frei Damião e Padre Cícero. Lembrando que Frei Damião não é santo canonizado pela oficialidade do catolicismo, mas se tornou um ícone do catolicismo popular nordestino após a sua trajetória como missionário capuchinho. Fazia missões pelo interior do Nordeste e conseguia dialogar em seus sermões e discipulado com a mentalidade do sertanejo. Damião tornou-se um missionário conhecido do catolicismo nos sertões, conseguindo atrair multidões por onde passava<sup>8</sup>.

Padre Cícero também foi um outro ícone do catolicismo popular nordestino. Sua trajetória sacerdotal foi pastoreando os pobres sertanejos. Nos relatos de seu chamado a sua vocação, conta-se que, através de um sonho em que apareceram Jesus Cristo e os 12 apóstolos, Cristo “apontou para os pobres e voltando-se inesperadamente para o jovem sacerdote, ordenou: ‘E você, Padre Cícero, tome conta deles’” (Abruzio, 2008, p. 61). Assim, a trajetória ministerial de Padre Cícero foi marcada no diálogo com a realidade do pobre, com o catolicismo popular. Em Juazeiro do Norte, local de seu pastorado, padre Cícero morava em uma casa de taipa, colocando-se nas mesmas condições sociais

---

6 <https://www.ctn.org.br/>

7 <http://www.ctn.org.br/fe/#secretariaparoquial>

8 Para saber mais, ver CHAVES, Nadjara Francisco. Turismo religioso, romarias e festas de frei Damião no Nordeste Brasileiro. Dissertação de mestrado; CRUZ, João Everton. Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo popular do Nordeste Brasileiro. Dissertação de mestrado. PUC-MG.

que os pobres que pastoreava. Procurava passar mensagens em que priorizava uma teologia de imanência, de um Deus que caminhava junto ao sertanejo, em que a vida deste e de sua comunidade poderia melhorar aqui neste mundo, e não apenas em um reino celestial transcendente<sup>9</sup>.

Frei Damião e Padre Cícero são ícones consolidados da mentalidade religiosa de um catolicismo popular nordestino. Ambos não foram beatificados e reconhecidos como santos pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas tanto na memória do catolicismo popular nordestino quanto na própria constituição o espaço religioso que estamos estudando, eles ganham importância<sup>10</sup>.

Ao lado da capela no CTN há um espaço chamado “gruta dos romeiros”, onde imagens de diversos santos canonizados estão presentes, como “São Pedro”, “Santa Luzia”, “Nossa Senhora das Graças” e “Santo Expedito”, conforme Figura 1. Dentre esses diversos ícones há as imagens de Padre Cícero e Frei Damião, sendo este último representado por uma imagem tão proporcional em tamanho quanto às dos outros santos, mostrando que, no espaço vinculado à capela, o Frei ganha tanta visibilidade e importância quanto os santos que passaram pelo processo de canonização validado pelo catolicismo romano.

No interior do templo, as figuras de Padre Cícero e Frei Damião ganham um destaque ainda maior. Notamos imagens de escala similar à da figura humana, ganhando mais destaque que qualquer outro tipo ícone católico presente no templo, como a estátua de Padre Cícero dentro de um carro, junto a um motorista (Figura 2). O carro e a figura do Padre Cícero estão em tamanho real dentro da capela ao lado de uma foto similar, tirada do Padre que em alguns locais do interior do Nordeste, conseguia ter a seu dispor automóveis e motoristas de pessoas que se voluntariavam a ajudá-lo nas missões.

Também há uma figura de Frei Damião na capela, feita em tamanho real, representando o momento de seu falecimento (Figura 3). Próximo à imagem há um livro de anotação para pedidos de oração. Também notamos Frei Damião como o único ícone do catolicismo presente nos vitrais da Igreja. Na ilustração, o Frei está distribuindo pães a uma mulher e uma criança (Figura 4). Uma ilustração que representa bem como este sacerdote é lembrado pelos migrantes e retratado no templo: como um homem caridoso, solidário aos pobres.

---

9 Sobre Padre Cícero, ver ABRUZIO, Ulisses. A ação pastoral de Padre Cícero a partir dos sertanejos: fé, compromisso e libertação. Dissertação de mestrado. PUC-SP; TOLOVI, Carlos Alberto. Padre Cícero do Juazeiro do Norte: a construção do mito e seu alcance social e religioso. Tese de doutorado, PUC-SP.

10 Entende-se aqui catolicismo popular como um conjunto de crenças e práticas que fazem parte de um catolicismo pluralizado e que advêm da população, quer pertençam às classes subalternas ou às classes dominantes. Mas que não são inicialmente advindas do catolicismo institucionalizado. Utilizaremos esse conceito baseado na obra de Heraldo Maues, presente no livro *Padres, pajés, santos e festas: Catolicismo Popular*, 1995.

**Figura 1 – Santos católicos, Padre Cícero e Frei Damião na capela do CTN.**



Fonte: acervo dos autores (2019).

**Figura 2 – Representação de Padre Cícero dentro de um carro. Capela do CTN.**



Fonte: acervo dos autores (2019).

**Figura 3 – Representação do momento da morte do Frei Damião. Capela do CTN.**



Fonte: acervo dos autores (2019).

**Figura 4 – Vitral da capela do CTN. Representação de Frei Damião entregando pães a uma mulher e uma criança.**



Fonte: acervo dos autores (2019).

Assim, como vimos, esses dois últimos personagens citados ganham destaque dentre os outros santos católicos constituídos no templo. Muitas vezes, suas figuras ganham um destaque maior que o dos santos canonizados.

Referências à simbologia católica também são percebidas nos vitrais do templo, nos desenhos de cenas que nos remetem à identificação da realidade nordestina.

Na Figura 5, temos uma mulher lavando sua roupa em frente ao rio, enquanto, mais ao fundo, notamos outra mulher carregando um fardo de roupa. Na paisagem, algumas árvores, casas e um grande céu de tons amarelo e laranja, retratando poucas nuvens e um ambiente árido.

**Figura 5 – Lavadeiras no vitral da capela do CTN.**



Fonte: acervo dos autores (2019).

Uma iconografia que nos faz rememorar o cotidiano de mulheres do sertão nordestino. Como ícone feminino, também notamos a rendeira presente na Figura 6. Sozinha, tecendo seus panos com coloridas ilustrações. Vitrais que nos remetem à representação de mulheres operosas, trabalhadoras, efetuando tarefas que lembram ao expectador o cotidiano de mulheres trabalhadoras nordestinas.

**Figura 6 – Rendeira, vitral da capela do CTN.**



Fonte: acervo dos autores (2019).

Na Figura 7, o desenho do vitral nos mostra pescadores/jangadeiros, já em um céu carregado de nuvens, levando o expectador a um outro ambiente da região Nordeste: o litoral. Os sujeitos eleitos para representar a área litorânea são os trabalhadores da pesca. A ilustração os retrata em plena atividade, trabalhando no mar.

**Figura 7 – Pescadores/jangadeiros, vitral da capela do CTN.**



Fonte: acervo dos autores (2019).

Na Figura 8, notamos um homem carregando sua mulher e uma criança em seu carro de boi, provavelmente sua mulher e filho. Ali notamos, novamente, o ambiente árido compondo o ambiente, seja pela caatinga ao fundo, a estrada de terra seca e o céu com destaque ao sol e sem nuvens ao fundo.

**Figura 8 – Família em carro de boi, vitral da capela do CTN.**

Fonte: acervo dos autores (2019).

Os ambientes retratados pelos vitrais são variados, polissêmicos e diversos, mostrando iconografias nordestinas de diferentes locais dessa região. Do semiárido à região litorânea, estão presentes nesse templo católico os diversos espaços que representam as características marcantes da região Nordeste.

Diante dessa polissemia de locais manifestada nos vitrais, há um diálogo das paisagens com as pessoas. A maior parte delas reflete trabalhadores populares, praticando atividades cotidianas de suas vidas. Os desenhos nas vidraças os retratam como protagonistas. Eles se destacam nas iconografias como as figuras centrais, os personagens principais daquelas cenas.

Mostrar o trabalhador nordestino como o centro da narrativa ali representada retrata a imagem que o espaço religioso quer passar na composição de sua arquitetura. Um lugar de memória, de pertencimento e de identidade do migrante nordestino que, muitas vezes, se constitui desse trabalhador pertencente às classes populares. As ilustrações não refletem necessariamente a realidade tal qual ela é, mas dialogam com o imaginário do migrante, que se vê retratado naqueles vitrais. Somado às imagens de elementos religiosos presentes da tradição católica, o migrante também é posto na arquitetura como um importante componente deste espaço. A simbologia do migrante está no mesmo espaço que a dos santos, com o marianismo, com as imagens de Cristo, mostrando a importância que a arquitetura local dá ao fiel migrante nordestino, trazendo este migrante para dentro, retratando-o a partir de elementos simbólicos que se constituem como um significativo elemento arquitetônico do espaço religioso.

Marc Augé diferencia os conceitos de “espaço”, e “lugar”. Para o autor, um espaço possui apenas uma delimitação geográfica, com pouco significado ao indivíduo que

ali se encontra. Diferentemente da constituição dos “lugares”, estes últimos são identitários, relacionais e históricos. Um lugar é um espaço constituído de simbologias, signos, onde os indivíduos e a coletividade se socializam e se identificam com aquele ambiente. “O projeto da casa, as regras da residência, os altares, as praças públicas...” (Augé, 2004, p. 62).

Nesse sentido, a arquitetura da igreja e toda a simbologia que ela evoca vai constituindo para os seus fiéis migrantes um lugar. Não um lugar qualquer, mas um local onde os simbolismos presentes na arquitetura procuram dar aos fiéis a ideia de identificação, de pertencimento e de rememoração de sua história.

Entendemos ser importante refletir sobre os locais de memória que comunidades constroem para si. Para Pierre Nora, o local de memória nasce da necessidade de se materializar as memórias presentes na coletividade, onde é necessário “criar aniversários, celebrações, arquivos, monumentos, santuários”. Nisso essa coletividade procura expressar suas memórias, com “marcos testemunhais de outra era, das ilusões de eternidade”, procurando, assim, construir “diferenciações efetivas” e “sinais de reconhecimento e pertencimento de grupo” (Nora, 1993).

No local de memória não há uma materialidade do real, mas da idealização de um passado que atribui um significado no presente, fazendo com que aquele local, em específico, se dinamize conforme a memória coletiva da comunidade e se transforma.

Não representam fatos históricos ou as cenas do cotidiano tal qual ocorreram, mas representação de um “recorte indeterminado do profano - tempo ou espaço, espaço e tempo, de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Um lugar fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, mas constantemente aberto a extensão de suas significações” (Nora, 1993, p. 27). É uma interpretação específica de um tempo passado por aquela comunidade, onde ela molda a arquitetura a partir de seus símbolos interpretados por sua memória coletiva no presente.

Assim nos faz refletir Maurice Halbwachs em *A memória coletiva*, em que, segundo o autor, o indivíduo parece participar de duas memórias que dialogam entre si, a “memória individual” e a “memória coletiva”. A memória individual, por mais autônoma que seja, é constituída por palavras, ideias, símbolos que o indivíduo percebeu em seu meio, pontos de referência que são fixados na sociedade (Halbwachs, 2004, p. 58).

Esmiçando a questão do símbolo, no livro *A dinâmica dos símbolos*, Verena Kast vê o símbolo como um sinal de reconhecimento; um sinal materializável de uma ideia invisível e idealizado; um anel que simboliza uma aliança de casamento ou a cor azul representando paz. O símbolo se manifesta através de iconografias, sinais, em que pessoas lhes atribuem significado. Os autores aqui convergem na ideia de que o símbolo representa um significado que permeia um objeto. Por trás de determinados artefatos há um poderoso significado social (Kast, 1997).

Quando observamos as iconografias apresentadas anteriormente sobre o cotidiano dos trabalhadores nordestinos, há uma representação idealizada destes trabalhadores, com o objetivo de constituir o templo religioso como esse lugar de pertencimento, de identidade para que o migrante se sinta representado. O migrante vê ali a sua história, a sua terra natal e o tempo de seus antepassados sendo representados. Para além das iconografias tradicionais do catolicismo, as imagens dos trabalhadores também servem

como um elemento para complementar a igreja como um espaço de identificação do migrante.

Os indivíduos que frequentam e constituem um lugar de memória conseguem se identificar individualmente com os elementos simbólicos que estão sendo retratados ali, por serem simbologias que já estão constituídas em memórias do outro, do coletivo. Nessa via de mão dupla, uma comunidade de migrantes consegue constituir um local de memória em um templo religioso católico a partir de simbolismos que são materializados neste lugar, como as iconografias presentes nos vitrais, nas esculturas de santos populares no Nordeste e em dinâmicas religiosas próprias. A sua memória coletiva é materializada neste espaço de culto, formando uma arquitetura religiosa singular, em que a sua interpretação própria da memória sobre seu passado e de sua terra natal são incorporados na própria estrutura do templo, criando uma ancoragem simbólica neste lugar de culto.

### Considerações finais

Procuramos analisar o tema da religião e migração a partir de eventos contemporâneos. Elegendo o espaço religioso do Centro de Tradições Nordestinas como campo de estudo, procuramos perceber como o migrante, ao se instalar em um novo território, continua praticando a sua religiosidade, e o espaço religioso utilizado por ele tem a sua arquitetura própria, muitas vezes modificada pela própria memória coletiva sobre o território anterior a que esse migrante pertenceu. Tivemos a ousadia de nos aproximar do Centro de Tradições Nordestinas para, desde ali, enquanto espaço nascido e promovido no universo da migração, verificar como a articulação entre o religioso, o migratório e o arquitetônico, além de se interconectar, é a manifestação material do que o processo de migração produz nas sociedades humanas. Este texto teve como preocupação principal analisar e refletir sobre religião e migração, em específico nos eventos contemporâneos, diante dos desafios que o fato da migração coloca, para não produzir reflexões apenas descoladas de um lugar, sobre dados por vezes distantes e sem um corpo tangível, identificável. Procuramos notar a religiosidade do migrante materializando-se na arquitetura, produzindo um espaço próprio e singular, imbuído de estruturas simbólicas próprias que dão ao grupo de migração nordestina analisado uma sensação de pertencimento, de identidade e de sentido ao novo lugar onde, agora, esses fiéis migrantes estão instaurados. A religião do migrante não apenas ganha uma arquitetura própria, mas é estruturada junto a um centro de memória, na construção de um passado ideal, que dialogue com o fiel migrante do presente.

Este olhar que a articulação produzida entre a religião, a migração e arquitetura, tendo mergulhado no “perfume” que o Centro de Tradições Nordestinas exala, e que deixa visualizar a variedade de figuras e tipos sociais que ali se fazem presentes, assim como a diversidade de simbologias que também lá estão presentes, nos permite afirmar que as migrações, não obstante os problemas reais que expressam, ligados à desterritorialização e muitas vezes ao risco da perda de identidade, transportam um outro olhar sobre a sociedade onde o processo migratório acontece. A experiência da migração

produz, sem dúvida, o germe do diálogo, da cooperação e da solidariedade que devem definir toda a sociedade contemporânea.

### Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2004.

ABRUZIO, Ulisses. A ação pastoral de Padre Cícero a partir dos sertanejos: fé, compromisso e libertação. Dissertação de mestrado. PUC-SP. 2008.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 2007

CASSIRER, Ernest. Linguagem e Mito, Ed. Perspectiva coleção Debates

\_\_\_\_\_. Ensaio Sobre o Homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana.

CHAVES, Nadjaro Francisco. Turismo religioso, romarias e festas de frei damião no Nordeste Brasileiro. Dissertação de mestrado. UNICAP. 2014

CRUZ, João Everton. Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo popular do Nordeste Brasileiro. Dissertação de mestrado. PUC-MG. 2010

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano, A Essência das Religiões. Lisboa, Edição Livros do Brasil,. Sd

ELIADE, Mircea. Origens, Lisboa, Edições 70, 1989

HALBWACHS, Maurice. “A memória coletiva” Centauro, São Paulo. 2004.

KAST, Verena. A dinâmica dos símbolos. São Paulo: Loyola, 1997.

LIBANIO, João Batista. A Religião no Início do Milênio. São Paulo Loyola 2002

MARINUCCI, Roberto <https://anpocs.com/index.php/papers-36-encontro/gt-2/gt22-2/8100-as-migracoes-dos-feis-e-a-mobilidade-das-religoes-um-estudo-sobre-migracoes-internacionais-e-tradicoes-religiosas/file>

MAUES, Heraldo. Padres, Pajes, Santos e Festas: Catolicismo Popular. Editora Cejup. 1995.

MESLIN, Michel. A Experiência Humana do Divino. Fundamentos de uma antropologia religiosa. Petropolis, Vozes, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. IN, Projeto história. Revista do programa de estudos pós-graduados de história V.10, 1993.

PRENCIPE, Lorenzo. A Religião dos migrantes entre os retrocessos segregacionistas e as possibilidades de nova coesão social. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, ano VIII, nº 37 2012. <https://ciberteologia.com.br/editorial/migracoes-e-teologia>.

TOLOVI, Carlos Alberto. *Padre Cícero do Juazeiro do Norte: a construção do mito e seu alcance social e religioso*. Doutorado em Ciência da Religião. PUC-SP. 2016.

Recebido: 20 de fevereiro de 2019.

Aprovado: 21 de março de 2019.